

Renamo alicia estudantes prometendo bolsas de estudo

● Regressados da base de Maringue contam que a acção visa engrossar fileiras deste movimento

Vinte e um estudantes que no mês de Outubro do ano passado haviam sido aliciados pelos agentes da Renamo na cidade da Beira com promessas de bolsas de estudo nos Estados Unidos, França e Inglaterra, apresentaram-se na semana passada às autoridades governamentais na província de Manica, fugidos da base de Maringue, em Sofala.

Entrevistados recentemente pela nossa Reportagem em Chimoio, aqueles estudantes relataram os difíceis momentos a que foram obrigados a passar nas fileiras deste movimento, nomeadamente fome, torturas, sob intensas chuvas, entre outras dificuldades. Consideraram que a Renamo está desorganizada politicamente, valendo-se apenas do poder das armas.

Foi numa manhã cedo de domingo último no edifício onde funciona o Comando Provincial da PPM em Manica, onde aconteceu a entrevista com seis dos 21 estudantes que fugiram da base da Renamo em Maringue. No rosto dos estudantes lia-se facilmente a expressão de alegria, por terem «voltado à casa», como eles próprios assim o disseram. Primeiro houve um certo receio da parte dos estudantes quanto à presença da nossa Reportagem, mas instantes depois a desconfiança desapareceria rapidamente ao tomarem conhecimento de se tratar de uma equipa do «Notícias».

Os estudantes, segundo os seus relatos, fugiram da base de Maringue em pequenos grupos, o primeiro no dia 27 do passado mês de Fevereiro composto por seis pessoas. O segundo era composto por sete estudantes e conseguiu escapar no dia 29 do mesmo mês. O terceiro, composto por três pessoas, fugiu no dia um de Março. Destes dois conseguiram chegar ao cruzamento de Macossa, em Manica, e um desapareceu, pois o grupo deparou-se, na sua fuga, com elementos da Renamo. O quarto e último grupo era composto por sete pessoas e fugiu dias depois do terceiro.

Os seis estudantes que dialogaram com a nossa Reportagem são: José Maenga Matangue, 22 anos de idade, natural de Chibabava, Sofala. Este estudante havia ficado sem afectação, segundo disse, depois de ter concluído a 9ª classe na Escola Secundária e Pré-Universitária Samora Machel na cidade da Beira, em 1990.

O outro estudante, de seu nome Chinguo Duarte Tiquido, 17 anos de idade, é natural de Maforja, localidade de Macate, e havia concluído a sétima classe no ano passado em Messica.

Os outros quatro estudantes, nomeadamente Pedro Eduardo Tiquido, de 21 anos, Domingos Agostinho Manuel Quembo, 18 anos, José Carlos Tomás, 21 anos e Lorito Jaime Joaquim, 23 anos de idade, eram alunos respectivamente das escolas secundárias de Jécua, Samora Machel em Chimoio, formação de professores primários em Inhamitua, Sofala, e operário dos Estaleiros Navais da Beira.

De acordo com as suas declarações, a operação de aliciamento de jovens começou na Beira, sendo os responsáveis dessa operação os agentes da Renamo espalhados naquela parcela do país, segundo adiantaram.

«Fui aliciado por um senhor chamado Muchanga, proprietário de uma carpintaria no Segundo Bairro de Nhamudima na cidade da Beira. Ele sabia que eu não tinha afectação e disse-me que havia inscrições na Direcção do Trabalho, para os Estados Unidos e França. Partimos da cidade da Beira no dia nove de Outubro do ano passado, éramos 19 estudantes, com o conhecimento de que íamos tomar um avião para um destes países. Fomos conduzidos por um motorista, que não conheço» — disse José Maenga Matangue.

«Mas não chegámos a ir ao aeroporto da Beira, e o tal motorista ia a conduzir a grande velocidade. Disse-nos que íamos tomar um avião no Zimbabue, ao invés do aeroporto da

N. 14/4/92

ameaçados de morte, em caso da segunda tentativa. Não tínhamos o que comer, senão milho torrado. Fomos obrigados a sacrificar as nossas roupas, em troca de alimentos com a população. Todos os dias tínhamos aulas políticas. Não chegámos a treinar. Segundo os chefes da Renamo, as aulas políticas serviam para nos tirar da cabeça a ideologia da Frelimo, mas havia contradição na maneira como essas mesmas aulas políticas nos eram transmitidas pelos comissários da Renamo. Aparecia um comissário político e dava uma determinada matéria, e aparecia outro comissário político a contrariar o que o anterior havia-nos dito. Portanto, concluímos que não havia coordenação e organização entre os chefes da Renamo» — continuou José Maenga Matangue.

Para ludibriar os estudantes, segundo contaram, a Renamo, através do seu corpo de inteligência militar, fazia cartas endereçadas a conhecidos dos estudantes de cada uma das bases, nas quais fazia menção de se estar a frequentar cursos aliciantes nos Estados Unidos, França ou Inglaterra.

«Até a própria tropa da Renamo quer desertar, mas teme a morte em caso de a fuga não surtir efeito. Matam gente em frente da população, que é para servir de exemplo e intimidar às pessoas que pretendem abandonar as fileiras da Renamo» — disse um outro estudante, em conversa com a nossa Reportagem.

Aqueles estudantes disseram que pretendem regressar às suas regiões de origem e iniciar uma nova vida.

Apelaram ao Governo para que compreenda que a sua ida à Renamo foi forçada e motivada por razões que se prendem com a falta de vagas nas escolas.

Em contacto com a nossa Reportagem, o chefe das operações do Comando Provincial da PPM em Manica disse que os estudantes seriam



Seis dos 21 estudantes que se apresentaram às autoridades governamentais em Manica, fugidos da Renamo

Beira, mas não foi o que aconteceu. Quando chegámos na zona entre Nhamatanda e Monte-Chiluve, província de Sofala, o motorista deteve a viatura e fez sinais luminosos. Já era noite. De imediato, apareceram homens armados da Renamo, que nos escoltaram até ao centro dos estudantes em Tchabadje (distrito de Búzi), aonde chegámos no dia 10 de Outubro».

Conta ainda aquele estudante que neste centro permaneceram 18 dias à espera de um outro grupo da Renamo, proveniente da província de Gaza, que foi escoltado até Gorongosa.

«Caminhámos um mês a pé até Gorongosa. Fazíamos paragens para descansar. Ameaçavam-nos de morte. O quartel-general da Renamo está em Gorongosa. Foi nesta base onde fomos apresentados a um comandante que ostentava a patente de major-general. Foi ele que nos disse que o presidente da Renamo, Afonso Dhlakama, é quem sabia para que países havia de nos encaminhar consoante o nível de escolaridade de cada um» — disse José Maenga Matangue.

Os estudantes disseram ainda que foram transferidos de Gorongosa para Maringue, onde foram submetidos a aulas políticas sobre o movimento. Nesta base, segundo disseram, permaneceram dois meses.

«Começámos a ver que não passava de uma aldrabice a história das bolsas de estudo e tentámos reivindicar, mas os chefes disseram-nos que o presidente da Renamo é que tinha o programa de atribuição das bolsas. Fizemos uma carta ao senhor Dhlakama, a pedir que nos dissesse a verdade, mas fomos considerados agentes da Frelimo» — rematou José Maenga Matangue.

Na sua narração, os estudantes contam que tentaram uma fuga no passado mês de Janeiro, que não chegou a ser bem sucedida, pois foram interceptados no distrito de Macossa pela Renamo.

«Fomos detidos durante 15 dias, por passado fugir, e fomos

brevemente devolvidos às suas casas, depois de cumpridas todas as formalidades que o processo requer, nomeadamente a distribuição de roupa, transporte, e alimentação.